

MEDIAÇÃO DE ARTES PARA ESPAÇOS ESCOLARES E MUSEOLÓGICOS COMO FORMA DE INCLUSÃO

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431781112015010>

Jéssica Cristina Braga¹
Juliana Dellê Madalosso²
Consuelo Alcioni Borba Duarte Schlichta³

RESUMO

A mediação em Artes Visuais, muitas vezes, foi vista como atividade secundária; porém, nos últimos anos, tem-se afirmado sua importância tanto em espaços escolares quanto em espaços museológicos. Verificou-se tal hipótese em uma pesquisa sobre a categoria mediação, realizada a partir dos artigos relativos ao Comitê Educação em Artes Visuais (CEAV), publicados entre os anos de 1999 até 2012, nos anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Objetivou-se pensar a categoria mediação na contemporaneidade e suas diversas formas de abordagem, através de uma análise quantitativa e qualitativa dos artigos. Dentre os diversos conceitos de mediação encontrados nos artigos observou-se a prevalência de quatro perspectivas de abordagem: a mediação como uma relação homem-tecnologia; como uma metodologia para o ensino de arte; como relação que se estabelece entre sujeito e objeto artístico, e por fim, como intervenção pedagógica. A pesquisa contribuiu para se dar visibilidade à importância da mediação, sobretudo seu caráter inclusivo de diferentes públicos no contexto da arte contemporânea; pois o público nem sempre consegue compreender os sentidos da obra, por consequência, também não constrói novos significados. É neste contexto que a mediação realiza sua função.

Palavras-chave: mediação, arte e educação, inclusão, espaços escolares e/ou culturais.

¹ Bolsista de Iniciação Científica pela UFPR. jbraga.art@gmail.com

² Bolsista de Iniciação Científica pela UFPR. juu.madalosso@gmail.com

³ Orientadora. consuelo.ufpr@gmail.com. Dra. professora adjunta IV da Universidade Federal do Paraná

ABSTRACT

Mediation in visual arts was often seen as a secondary activity; however, in recent years, it has been asserted its importance both in school spaces as in museum spaces. It was verified this hypothesis in a survey on mediation category, accomplished from the articles related to the Committee Education on Visual Arts, published between the years 1999 to 2012 in the annals of the National Association of Researchers in Fine Arts (ANPAP). The objective was thinking mediation category in the contemporary in its various approaches forms, through quantitative and qualitative analysis of the articles. Among the various concepts of mediation found in the articles was noticed the prevalence of four perspectives approach: mediation as a subject-technology relationship, as a methodology for art teaching, as the relationship established between subject and art object, and finally, as a pedagogical intervention. The research contributed to highlight the importance of mediation, especially its inclusive character of different publics in the context of contemporary art; because the public can not always understand the meanings of the art pieces, therefore, does not build new meanings. It is in this context that mediation performs its function.

Keywords: mediation, art and education, inclusion, school spaces, cultural spaces.

A mediação em Artes Visuais, tanto na escola quanto em espaços museológicos, é uma prática cada vez mais presente nas pesquisas e na práxis de pesquisadores, artistas, educadores. São inúmeros os motivos que comprovam a relevância da mediação, pois, nem sempre o público consegue acompanhar as rápidas mudanças no âmbito das linguagens contemporâneas, o que acaba por privá-lo ou excluí-lo da arte, distanciando-o cada vez mais, sobretudo da arte contemporânea. A mediação, nessa perspectiva, é um instrumento precioso de inclusão do público no contexto da produção artística e cultural contemporânea.

Outra situação em que se percebe a relevância da mediação é destacada nos argumentos de Bourdieu e Darbel, (2003, p. 71). Esses autores afirmam que o público não apreende os sentidos por trás de uma obra de arte, ou seja, quando “a mensagem excede as possibilidades de apreensão do espectador”, por consequência, o visitante de uma exposição “não absorve sua ‘intenção’ e desinteressa-se do que lhe parece ser uma

confusão sem o menor sentido, ou um jogo de manchas de cores sem qualquer utilidade”, enfim, “sente-se ‘asfixiado’ e abrevia a visita”.

Quando isto acontece, a mediação, valendo-se de ações comunicacionais ofertadas pelas exposições, cursos, palestras e materiais didáticos produzidos pela ação educativa, na qual o público atua como sujeito ativo e não mais como indivíduo atomizado e passivo (VAZ, 2011, p. 1788), possibilita ao público receber mais informações sobre a obra, ampliando suas possibilidades de leitura, apreensão e apropriação.

Lisboa (2004, p. 34), nesse sentido, cita alguns recursos que podem ser utilizados durante essa prática: “textos de paredes, folhetos, catálogos, multimídias e, principalmente, o trabalho interpessoal através de visitas monitoradas realizadas por educadores e estudantes de arte/educação”.

É fundamental, ainda, atentar para as características e necessidades de cada público em especial, escolhendo-se formas diversificadas de realizar a mediação com o público que visita um museu. Aliás, a apreensão de novos conceitos, partindo da proposição de Vigostsky (2007), exige a mediação, pois esse processo se dá por meio de relações socioculturais entre o indivíduo e o mundo. Nessa perspectiva, deve-se sempre levar em conta, sobretudo no âmbito da pesquisa sobre mediação, as teorias de aprendizagem e a construção do conhecimento. Para esse autor, a aprendizagem se dá por meio dos processos de comunicação e das funções psíquicas superiores e na medida em que se internaliza o conhecimento, os signos vão adquirindo significado e sentido.

A mediação: uma preciosa estratégia de inclusão

A Arte não é só um objeto visual, mas um artefato da cultura, produto do trabalho criador humano, o que implica uma abordagem dos aspectos sociais, culturais, históricos,

econômicos, entre outros, na sua apreciação. Outro fato que merece destaque, diz respeito à apreciação artística, segundo Porcher (1982), historicamente um privilégio de grupos minoritários, que se constitui nas classes dominantes e que detém grande parte do poder econômico, político e cultural. Porcher (1982, p 13-14) ainda argumenta que a Arte, até recentemente, era vista como um luxo possível apenas aos “aristocratas”; tornando-se um território exclusivo de camadas sociais mais privilegiadas, servindo somente aos grupos “iniciados” nos “códigos culturais”, capazes de apreenderem os significados contidos nas obras. Esquece-se, nessa linha de pensamento, que uma obra de arte é assimilada quando se tem acesso aos critérios de sua construção. Por conseguinte, entende-se a mediação como um instrumento de acesso, um elo de ligação entre os sentidos inerentes a Arte e os diferentes sujeitos.

Entende-se, ainda, que o modo como cada indivíduo decifra ou compreende uma obra de arte tem referência no seu repertório, nas suas experiências, assim como nos conhecimentos apreendidos ao longo de sua vida. Cada sujeito, segundo Bourdieu (2003, p.79-80) constrói seus esquemas de compreensão, que são extraídos das experiências pessoais assim como dos conhecimentos produzidos pela humanidade e que se constituem nas bases de qualquer percepção, inclusive, a estética.

Seguindo essa linha, conforme pensamento de Vera Mendonça (2009, p. 3945): “[...] A obra de arte é envolvida por múltiplas percepções e a sua recepção complexa é mediada pelos valores que embasam a bagagem cultural de cada espectador e a vivência da própria obra”. De fato, levando em consideração o processo de aprendizagem e a própria Arte enquanto construção histórica pode-se deduzir que o público, diante da produção artística, por meio de sua percepção, também histórica, pode estabelecer diversos processos de significados.

Desta forma, o mediador, segundo Vigotsky (2007), articula sujeito e mundo, contribuindo sobremaneira para a ampliação dos conhecimentos necessários à compreensão da realidade, da cultura e da arte de seu grupo e de outros contextos. O público, quando inserido nos processos de mediação, pode se identificar com o trabalho

artístico, apreender seus sentidos, além de propor novos, articulando sua experiência, consciente e reflexiva, com o campo artístico. Enfim, a partir desses pressupostos entende-se a mediação como uma relação dialógica entre espectador e obra, que amplia ou efetiva a compreensão da produção artística e cultural, de maneira contextualizada.

Honorato (2010, p.2004) também contribui para a construção de um pensamento sobre os primórdios da mediação educacional em arte e como se está construindo teórica e metodologicamente esta práxis no Brasil. Ele esclarece:

No Brasil, a mediação educacional da arte vem se consolidando como prática e teoria, segundo propostas e abordagens específicas, principalmente sob o pensamento da Arte/Educação, pelo menos desde o final da década de 1980 [...] a mediação educacional configura uma instância relativamente profissionalizada, se levarmos em conta sua atuação e presença, como um setor, nas principais instituições culturais e exposições de arte no país – é claro, isso ainda não implica condições de formação, nem de trabalho favoráveis a uma carreira, que inexistem para a quase totalidade dos mediadores.

Essa práxis vem ganhando força e conquistando seu lugar, sobretudo em razão da presença de ações de mediação nos principais espaços culturais e expositivos, conforme o autor destaca. Além de um processo construído na prática, se vê cada vez mais a mediação presente no discurso dos pesquisadores em artes, o que também demonstra que, de fato, ela está se consolidando como prática e teoria.

Entretanto, é preciso também se perguntar: será que sua consolidação se dá tanto na prática quanto na teoria? Ao reconhecer aspectos como a formação restrita da maioria dos mediadores, sabe-se que há um longo caminho a se trilhar na prática da mediação educacional. Também se percebe que é ainda vista como atividade “secundária” no museu ou em exposições; por consequência, outras atividades, como a curadoria, a crítica, por exemplo, são bem mais reconhecidas ou vistas como atividades de maior prestígio (SCHLICHTA; TEUBER, 2011).

Honorato (2010, p. 2005) destaca também outra visão frequentemente adotada: a mediação como uma forma de “ligar’ arte e público”. E, por isso, alerta:

(...) tudo se passa como se a mediação recebesse pronto o que seja arte, para então torná-la próxima e acessível a um público abrangente. Eis a sua função mais estrita, inevitável a sua própria terminologia: “ligar” arte e público – que tende a determinar sua posição nesse sistema como um mero serviço. Embora muitos mediadores trabalhem no contraponto disto, dessa posição decorre a redução do público a cliente e consumidor, logo, a ausência de qualquer diálogo efetivo entre arte e público.

Neste contexto, segundo as palavras do autor, a mediação é vista como “um mero serviço”, reduzindo-se o público a consumidor passivo e a arte a um simples produto que o museu coloca a serviço. Cabe esclarecer que esta concepção, ainda que destacada por muitos pesquisadores, pouco explicitada em seus fundamentos, é decorrente do modelo de sociedade capitalista, que tem por característica as relações assimétricas entre produção-distribuição-consumo, tal como se engendra no modelo capitalista (CANCLINI, 1984, 38-39).

Nessa linha de pensamento, Peixoto (2004, p. 25-26) também entende que a arte, no modelo de sociedade atual, é submetida ao consumo passivo e se constitui em propriedade de poucos:

Em geral, o consumo transmuda a necessidade da fruição, da apreciação da arte em necessidade de posse do objeto artístico; conseqüentemente, o gozo, quando subsiste, fica submetido ao ter, apesar de ser a posse do objeto, em princípio, irrelevante para o consumo ou fruição estética.

Portanto, na perspectiva da sua apreciação, possuir a arte é tomar “posse” dos sentidos do objeto artístico. Na verdade, conforme argumentos de Forquin (1982, p.40): “muitas pessoas não dispoñdo dos instrumentos de percepção adequados, utilizam aqueles que estão à sua disposição e apreendem a obra segundo uma deformação do tipo utilitária e realista”. Nesse caso, adotam esquemas realistas, ou seja, medem uma obra por seu grau de fidelidade com a realidade; se utilizam de esquemas utilitários; pois, para o autor, desde crianças somos ensinados de forma explícita ou implícita a classificar o mundo segundo uma organização utilitária, procedendo-se da mesma maneira em relação à

percepção das obras de arte; e por fim, de esquemas “autocêntricos”, pois reduzem tudo o que veem a si mesmos e ao que está em sua volta, e que lhes servem de referencial na vida. Portanto, pode-se perceber quão influenciada a sociedade é em todas as suas práticas cotidianas, inclusive, nas artísticas.

Em síntese, voltando à problemática colocada anteriormente, pode-se deduzir, conforme argumentos de Canclini (1984) e Peixoto (2004), que há um descompasso entre a prática, ainda precária nos diferentes espaços culturais, e a teoria, a sua valorização no âmbito dos discursos dessas mesmas instituições.

As diferentes concepções de mediação no contexto educacional e cultural

Com base na pesquisa Processos de Mediação em espaços culturais e escolares de Iniciação Científica, realizada nos anos de 2012 e 2013, foi possível apontar diferentes concepções e maneiras de se pensar e realizar a mediação cultural. Nesse estudo verificou-se o interesse dos pesquisadores em artes visuais pela categoria mediação, quantificou-se e se analisou esta categoria nos artigos publicados no Comitê Educação em Artes Visuais (CEAV), entre os anos de 1999 e 2012, dos anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP).

A análise possibilitou evidenciar o grau de interesse pela mediação nos últimos anos, verificar quais são as teorias e autores referências que fundamentam o pensamento dos pesquisadores da ANPAP, assim como desvelar as principais concepções que embasam o sentido dessa categoria. A princípio foram encontrados muitos significados para a mediação, embora o cerne da palavra permanecesse em torno do mesmo sentido: uma ação auxiliar como intermediário entre sujeitos. Na continuidade da investigação passou-se a sistematização dos sentidos encontrados, destacando-se os referenciais teóricos citados, em especial, a noção de mediação como estratégia. Neste quesito, foram selecionados artigos que tratavam da ação mediadora em museus, espaços culturais e escolas, para que se pudesse verificar de qual forma esse conceito era tratado. Os textos

que apenas traziam a palavra mediação, como sinônimo para intermediação, apresentando-a de maneira esporádica, foram desconsiderados nessa segunda etapa da pesquisa. Eram artigos, enfim, que tratavam de assuntos outros que não correspondiam ao foco desta análise. A luz desses pressupostos analisou-se uma série de artigos, conforme quadro a seguir:

Quadro 1: Tabela comparativa dos diferentes encontros da ANPAP⁴

ENCONTROS ANPAP	ANO	LOCALIZAÇÃO	ARTIGOS PUBLICADOS NO CEAV	ARTIGOS COM A CATEGORIA “MEDIAÇÃO”
10º Encontro	1999	São Paulo/SP	28	4
11º Encontro	2001	São Paulo/SP	Não foi encontrado	Não foi encontrado
12º Encontro	2003	Brasília/DF	Levantamento parcial	7
13º Encontro	2004	Brasília/DF	25	8
14º Encontro	2005	Goiânia/GO	34	4
15º Encontro	2006	Salvador/BA	28	8
16º Encontro	2007	Florianópolis/SC	61	21
17º Encontro	2008	Florianópolis/SC	60	20
18º Encontro	2009	Salvador/BA	73	21

⁴Os anais da ANPAP foram encontrados em catálogos virtuais no site da ANPAP (www.anpap.org.br) e em livros publicados, encontrados na biblioteca da UFPR e do Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, PR. O livro correspondente ao 11º Encontro não foi encontrado.

19º Encontro	2010	Cachoeira/BA	57	19
20º Encontro	2011	Rio de Janeiro/RJ	86	32
21º Encontro	2012	Rio de Janeiro/RJ	43	10

Desta forma, após exame de 495 artigos, chegou-se a categorização do termo mediação em quatro concepções principais: a mediação como relação entre sujeito-mediador-objeto de arte; como intervenção pedagógica; como relação homem-tecnologia e como metodologia, que, a seguir se abordará de modo mais detalhado.

A mediação como relação

Nesse caso, é abordada *como relação entre sujeito-mediador-objeto de arte*, evidenciando aqui um entendimento da categoria como *relação* de intermediação que se estabelece entre sujeitos e o objeto artístico. Esse tipo de pensamento é comprovado na argumentação de Mendonça (2009, p. 3944), a seguir:

A recepção de uma obra de arte é constituída por inúmeros canais perceptivos e equivalentes aos vários modos de como seja a sua relação com o espectador e vice-versa. Quando se trata de uma produção de arte contemporânea, esses canais são permeados por outros fatores que envolvem desde a expectativa do espectador a cerca do que entende ser uma obra de arte até a sua efetiva relação com ela, passando por tantos vetores mediadores quantos sejam os que envolvem a produção e a exposição de tal obra. Este texto se coloca, assim, como mais uma reflexão sobre a *mediação* e a relação obra-espectador (MENDONÇA, 2009, p. 3944. Grifo nosso).

A mediação é pensada, conseqüentemente, como uma relação horizontal entre diferentes atores, que interagem simultaneamente na troca de conhecimento artístico e/ou teoria de arte.

A mediação como intervenção pedagógica

Nessa perspectiva, Fonseca da Silva, 2010, enfatiza a ação do educador, entendendo-o como sujeito que intervém no processo de aprendizado do aluno. A pesquisadora afirma:

No processo que vimos estudando, a *mediação* do professor de arte *pôde ampliar as interações* na construção do grupo e na desconstrução do conceito de deficiência como algo que desqualifica o outro (FONSECA DA SILVA, 2010, p. 2281. Grifo nosso).

Apreende-se nas reflexões de Fonseca da Silva, que o professor tem um papel fundamental, pois amplia as interações em sala de aula, intervém pedagogicamente. Esta forma de realizar a mediação evidencia uma preocupação com o ensino-aprendizagem, a construção coletiva de grupo e com a centralidade do conhecimento na ação do educador/mediador/grupo.

A mediação como relação homem-tecnologia

Nesta categorização, a mediação é compreendida como um sistema que se submete ao uso de ferramentas tecnológicas para realização da mediação em arte e, como exemplo, destaca-se as novas mídias, a fotografia, o cinema. Pillar (2010, p. 1933), em suas reflexões, argumenta que na investigação das formas de mediação, não se pode perder de vista que os meios de comunicação, “em especial a televisão, constroem diferentes regimes de interação”.

Neste caso, tal como propõe Pillar, a interação se dá entre sujeito e arte por meio de mídias, como a televisão, vídeos, entre outros. É a partir das imagens produzidas ou demonstradas por tais meios, que se faz a mediação.

A mediação como metodologia

Esta categorização volta-se a ideia de mediação como método para o ensino de arte ou como um conjunto de ações educativas voltadas para os espaços museológicos. A mediação é vista, portanto, como meio de construção de uma exposição, desde seu início. Ou seja:

Acreditamos que a obra de arte começa a ser mediada a partir do momento em que a instituição planeja a sua ação expositiva: a curadoria ao selecionar os artistas e as obras de arte já determina uma postura do que deve ser visto e fruído, e segundo a perspectiva do curador. A partir daí, o projeto museográfico, os folders, os catálogos, os textos plotados, as legendas das obras e todos os recursos publicitários, além de seus projetos pedagógicos, são pensados como reforço de toda essa *mediação*. (MENDONÇA, 2009, p. 3954. Grifo nosso).

A mediação se dá desde o planejamento da exposição até sua finalização. Assim, catálogo, folder, textos e legendas das obras funcionam como “reforço” da metodologia para o ensino de artes visuais, no espaço do museu.

Esses quatro sentidos amiúde caracterizam-se por uma relação que prescinde da ação de um sujeito (mediador/educador) com outros indivíduos (alunos/visitantes), isso em um espaço cultural (museus) ou educacional (escolas), e que se utiliza do intermédio de objetos, imagens, teorias e discursos. Toda essa ação mediadora tem o intuito de contribuir para a ampliação do conhecimento artístico daqueles que entram em contato com obras de arte tanto em instituições específicas para este fim, quanto nas escolas. Percebe-se que ainda há muitas facetas a trabalhar, com destaque para os diferentes discursos, por isso buscou-se, inicialmente, destacar as concepções que norteiam as abordagens dos pesquisadores da ANPAP, em seguida, de maneira analítica, compreender como se tem discutido este conceito.

Durante a análise dos artigos dos Anais da ANPAP levantou-se as principais referências teóricas, quem discute mediação em espaços culturais e escolares e entre os

principais pesquisadores destacaram-se Ana Mae Barbosa, seguida de Rejane Galvão Coutinho e Mirian Celeste Martins. O estudioso Lev Vigotsky também é citado em alguns artigos, porém, em sentido muito ampliado, sobretudo no que se refere à aprendizagem e formação social do indivíduo. No contexto das autoras citadas - Ana Mae Barbosa, Rejane Coutinho e Mirian Celeste - o foco, quando se trata de mediação, volta-se para a mediação cultural compreendida como uma ação de aproximação: o “estar entre muitos”, segundo Martins (2010), que implica diálogos, trocas, diferentes modos de percepção, ampliação de repertórios pessoais e culturais, evidentemente, sem se perder de vista que existem inúmeras perspectivas a se notar e no intuito de se estimular contatos com a arte. Para Mirian Celeste (2007), como se destacou anteriormente, mediação é “estar entre”, significa inserir-se como educadores, visitantes, alunos, inclusive historiadores e críticos da arte, curadores, museólogos entre outros, envolver-se com a produção artística apresentada e consequentemente apreciada.

Outro ponto a destacar, diz respeito ao como este conceito é abordado no contexto brasileiro. E, nesse sentido, o termo mediação está fortemente associado a práticas educativas desenvolvidas em museus e centros culturais, especialmente aquelas direcionadas às exposições de artes visuais. Usa-se o termo mediação para qualificar ações educativas com orientações sócio construtivistas em contraposição a orientações tradicionais e reprodutivistas. (BARBOSA e COUTINHO, 2009). Dessa forma, observa-se que o termo “mediação” assim como “mediador” passou a ocupar o lugar de termos como “guia”, “monitoria”, “monitor” e “arte-educador”.

Assim, pensando a contribuição da presente pesquisa – apesar de exigir posteriores reflexões e aprofundamento, sobretudo em relação aos pressupostos teóricos e metodológicos da categoria mediação –, pode-se destacar alguns resultados concretos: em primeiro lugar, percebe-se um crescente interesse pela categoria mediação nos últimos anos; porém, apesar de se observar diferentes significações, a realidade mostra uma prática diferente. Tal situação pode ser comprovada pelo seguinte fato: embora um discurso de valorização dos mediadores, pouco se investe no sentido da

profissionalização, por consequência, ampliação do espaço de atuação em espaços museológicos.

Em segundo lugar, também é possível concluir que a categoria mediação tem sido abordada prioritariamente como ação intermediária e isso evidencia que muito se tem a avançar, sobretudo na abordagem crítica dos pressupostos norteadores dos discursos hegemônicos. Por isso, buscou-se destacar as concepções que norteiam as abordagens dos pesquisadores da ANPAP, depois, analisá-las, buscando compreender seus porquês, os objetivos por trás das ações de mediação.

Afinal, quais os fins da mediação?

A mediação articula-se a um movimento de valorização do ensino de artes, tanto nas escolas quanto em espaços museológicos, ampliando-se o entendimento da educação em arte como conhecimento e disciplina, no contexto contemporâneo. Neste caso, pode-se associar o papel do mediador com o de educador apresentado por Ilma Veiga (2009, p.53), que assim esclarece: no que diz respeito ao ensino-aprendizagem é necessário caminhar por um processo didático-investigativo, para uma apreensão mais eficiente por parte do aluno. A autora afirma a necessidade do ensinar, aprender e pesquisar e do avaliar caminharem juntos, de forma inter-relacionada e complementar e isto requer uma posição do professor e do aluno na busca pelo conhecimento. É tarefa do professor, segundo Veiga, criar estratégias para o aluno chegar às fontes do conhecimento produzido socialmente, portanto, também pelo grupo ao qual pertence. Ou seja, é função do professor proporcionar pontes entre o conteúdo e a realidade do aluno.

É neste caminho que se pensa a mediação e o papel do mediador: abrir olhares, contribuir para a apreensão das inúmeras camadas da obra, seus sentidos imediatos, mas também aqueles que exigem mediação de algo, como o conhecimento dos códigos, ou se alguém. Enfim, para uma efetiva aprendizagem, é fundamental aproximar conteúdo e realidade, ou seja, sem perder de vista os partícipes da mediação. Veiga (2009) dialoga,

desta forma, com a ideia de Lanier (1984), que afirma a validade da experiência estética vivida pelos jovens e crianças, desenvolvida em seu ambiente de convivência; ou seja, suas experiências estéticas vividas em casa, com a família, com a comunidade e a cultura em que estão inseridos. Nesse sentido, afirma a relevância de se abordar e se discutir essas experiências em sala de aula. O professor pode, portanto, fazer deste contexto um caminho para se chegar ao ensino da arte que é produzida em ateliês e exposta em museus. Contudo, frisa-se que este caminho, a ser trilhado, não deve hierarquizar a arte, mas fazer dela uma forma de inclusão, tornando-a mais familiar e acessível aos aprendizes. A arte permite que essa forma investigativa de ensino seja realizada por seu caráter criador; pois, para criar, necessita-se uma busca por referências, por inspirações e também por conteúdos que consolidem a ideia sugerida por seu autor. A partir desta abordagem de Lanier é possível aprimorar a forma de olhar um objeto artístico.

Nessa linha, Bourdieu (2011), argumenta que há três grupos distintos na sociedade e que cada um faz uma leitura das obras de arte conforme seu contexto de vida. Segundo o autor, a população em massa geralmente procura uma função ou um sentido no objeto observado, já um sujeito de uma família nobre costuma apreciar as obras por si só, crendo num “dom” inato do sujeito criador. E, por fim, os indivíduos que compõem a elite cultural, e que tratam a arte como objeto de conhecimento. Para este autor, a arte e o prestígio artístico estão predispostos a desempenhar uma função social de legitimação das diferenças sociais. Sendo assim, ensinar apenas arte de ateliê e/ou erudita legitimará essa distinção, pois, o indivíduo que compõe a sociedade em massa, continuará não vendo sentido nas obras eruditas, por não encontrar uma utilidade/função para ela. A possibilidade de partir da produção artística popular na aprendizagem, ou partir do contexto de vida real pode elevar o índice de interesse dos alunos por arte, pois desta forma, ela não ficará tão distante da realidade de cada um.

Concluindo, então, a tarefa do professor de artes é de um mediador capaz de articular os saberes e as experiências dos alunos com os novos saberes e práticas demonstrados. Quer dizer, trata-se de um processo relacional, dinâmico e interdependente em que o professor ajudará o aluno a aprender, a aprender a pesquisar e a avaliar o que se

está pesquisando. E isto torna a função do professor mais dinâmica e útil do que simplesmente alguém que explica conteúdos e aplica avaliações, que somente avaliam a capacidade de decorar do aprendiz. Neste contexto, pode-se retomar o pensamento de Vigotsky, no qual, o processo de desenvolvimento e construção do real é realizado por meio da interação social. Desta forma, a ideia de Veiga (2009, p.56), de realizar o processo de ensino-aprendizagem de forma relacional, interativa e dinâmica entre aluno e professor, conteúdo da disciplina e experiências vividas, torna-se um modelo de mediação em arte completo, em que existe relação das experiências individuais com o conteúdo a ser trabalhado, possibilitando que novos códigos sejam discutidos e internalizados.

Em síntese, para justificar o ensino de artes na escola é necessário que haja mais espaço para essa área de conhecimento, que, geralmente, é desvalorizada e chega a ser excluída de alguns anos do ensino, por exemplo, no Ensino Médio, “para dar espaço a outras disciplinas ditas ‘mais importantes’”. Ora, é fato que Arte é um campo de conhecimento e que por meio da experiência, inclusive artística, consegue-se apreender de forma mais intensa. Ou seja, incluir relatos de experiências vividas, em contexto com o conteúdo a ser ensinado, pode-se estimular a criação de novos caminhos de apreensão nos alunos. E mais do que qualquer outra disciplina, além do desenvolvimento intelectual, a Arte é capaz de desenvolver a sensibilidade estética, uma faculdade não desenvolvida na grande maioria da população. Isso corrobora com o pensamento de Bourdieu (2011), que afirma: a arte e o seu consumo ainda desempenham uma função legitimadora das diferenças sociais.

Tendo em vista, as quatro concepções encontradas para mediação, já abordadas ao longo deste trabalho, sob o foco da inclusão, destaca-se principalmente a mediação como uma relação entre sujeito-obra de arte, bem como uma metodologia utilizada tanto em escolas como em museus. Conforme se observou, através do pensamento de Porcher (1982), por muito tempo a arte foi um privilégio restrito às minorias, uma vez que a maioria da sociedade foi excluída de seu acesso. Porém, a mediação se põe, hoje, como uma forma de inclusão dessa maioria, uma vez que contribui sobremaneira para o acesso aos códigos culturais necessários à apreensão das obras.

Sendo assim, embora muito abordada por pesquisadores nos últimos anos, ainda é necessário continuar as pesquisas sobre mediação, até que esta prática se consolide nos espaços culturais e escolares; pois, conforme nos apontou Schlichta e Tauber (2011), ainda há pouco investimento nesta área, apesar de sua comprovada importância na emancipação de homens, mulheres, crianças, enfim, de toda sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

_____; DARBEL, Alan. **O amor pela Arte: os museus de arte na Europa e seu público**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A socialização da arte: teoria e prática na América Latina**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. **Objetos pedagógicos para ensinar arte a crianças com deficiência**. 19º Encontro da ANPAP. Cachoeira- BA. 2010. Disponível em:
http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/maria_cristina_da_rosa_fonseca_da_silva.pdf. Acesso em: 14/08/2013.

FORQUIN, Jean-Claude. *A Educação Artística – Para Quê?* In: Porcher, Louis (org.). **Educação Artística: Luxo ou Necessidade?** São Paulo: Summus Editorial, 1982, 25- 48.

HONORATO, Cayo. **Mediação educacional e sistema da arte**. 19º Encontro da ANPAP. Cachoeira-BA. 2010. Disponível em:
http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/cayo_vinicius_honorato_da_silva.pdf

Acesso em: 08/08/2013.

LANIER Vincent. **Devolvendo Arte à Arte-educação**. In: Revista Ar'te. São Paulo, Editora Max Limonad, n.11, 1984.

LISBOA, Ana. *Construção de uma metodologia para mediação: uma experiência no Instituto de Artes Contemporânea da UFPE*. In: **Arte em Pesquisa: especificidades** (ANPAP). Brasília, 2004.

MARTINS, Mirian Celeste e GRUPO DE PESQUISA MEDIAÇÃO: arte/cultura/público do Instituto de Artes/UNESP. **[con]tatos com mediação cultural: ressonâncias de um ciclo de conversações no SESC Pinheiros em São Paulo**. 16º Encontro da ANPAP. Florianópolis SC. 2007. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/105.pdf>, acessado em 10/07/2013.

MENDONÇA, Vera Rodrigues de. **O contexto e a mediação da recepção na Arte Contemporânea**. 18º Encontro da ANPAP. Salvador-BA. 2009. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/vera_rodrigues_de_mendonca.pdf
Acessado em: 14/08/2013.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

[PEIXOTO, Maria Ines Hamann. Arte e grande público: a distância a ser extinta. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.](#)

PILLAR, Analice Dutra. **Contágios entre arte e mídia no ensino da arte**. 19º Encontro da ANPAP. 2010. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/analice_dutra_pillar.pdf. Acesso em: 14/08/2013.

PORCHER, Louis (Org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

SCHLICHTA, Consuelo A. B. D.; TAUBER, Mauren. **Mediação e ensino da arte: um exercício de partilha do sensível**. X Congresso Nacional de Educação. Curitiba: EDUCERE, 2011.

VAZ, Adriana. **Museu Oscar Niemeyer (MON) e seu público: perfil mediado pelo setor educativo em 2009**. X Congresso Nacional de Educação. Curitiba: EDUCERE, 2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5672_2571.pdf>. Acesso em: 15/06/2013.



VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A aventura de formar professores**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. L.S. Vigotsky. Michael Cole... et al. (Orgs.) 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.